



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

WAKANDA: UMA UTOPIA AFROAMERICANA PARA O CINEMA

ALEX DE CARVALHO MATOS¹

JUMILE DOS SANTOS MOREIRA²

Resumo: O presente trabalho investiga o imaginário urbanístico de viés utópico no filme *Pantera Negra* (2018), do diretor Ryan Coogler. O sucesso nos cinemas, no entanto, não surtiu em abordagens críticas equivalentes. Suspendendo o julgamento, grande parte de sua recepção no Brasil se viu entusiasmada com a cinematografia, enquanto, ao mesmo tempo, rejeitava qualquer aprofundamento crítico que viesse comprometer aquele afeto. Uma das explicações para essa postura parece residir na força das imagens de Wakanda, um “éden afrofuturista num continente distante”, a África, onde se realizariam os sonhos de uma existência finalmente livre do racismo. Para compreender a densidade dessas questões que *Pantera* faz emergir em seu impulso utópico, foi preciso, primeiramente, pontuar três momentos distintos que configuram um imaginário da diáspora afroamericana: a escravidão negra, a luta por direitos civis e os desafios contemporâneos. Uma vez traçado esse percurso histórico, foi possível lançar reflexões acerca das expectativas emancipadoras depositadas pelo discurso urbanístico de Wakanda.

Palavras-chave: Pantera Negra, diáspora negra, tecnopia, utopia, emancipação,

“O que realmente significa ser um africano”? Essa é a pergunta que o diretor Ryan Coogler lança com *Pantera Negra*, longa metragem que estreou em fevereiro de 2018 nos EUA. O filme levou para o cinema a história em quadrinhos criada em 1966, sobre a saga do herói Pantera Negra para proteger Wakanda, um reino de paz e prosperidade no coração da África. Grosso modo, tomando por base o protótipo dos produtos da ®Marvel Studios, *Pantera* poderia ter sido mais um *blockbuster*, não fossem algumas particularidades que o diferenciam de outras superproduções até então realizadas pela indústria cinematográfica voltada para roteiros de super-heróis. Para além de representar um herói negro no cinema, o que já havia ocorrido em outras produções cinematográficas, ao menos desde o início da década de 1970 como um dos desdobramentos da luta pelos direitos civis, *Pantera* não pode ser resumido apenas como um filme de um diretor preto com um elenco quase todo preto. Ele é,

¹ Mestrando em Teoria e História da Arquitetura pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). Email: alex.decarvalhomatos@gmail.com.

² Graduanda em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). E-mail: jumadossantos@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

sobretudo, um filme cuja produção é afroamericana, sobretudo a concepção urbanística de Wakanda, foco de nossa análise.

Diferentemente do que ocorria nos quadrinhos de 1966, concebidos por dois americanos brancos, Stan Lee e Jack Kirby, *Pantera Negra* passa a ser escrito a partir de 2015 pelo jornalista afroamericano Ta-Nehisi Coates. Além disso, Wakanda para os cinemas é concebida por uma mulher também afroamericana, a designer de produção Hannah Beachler, considerada uma das poucas mulheres negras no topo do seu campo³. Deste lugar, ela assume o desafio de elaborar um “éden afrofuturista num continente distante”, a África. É para lá que se orientam os “sonhos de uma existência finalmente livre do racismo”⁴, e para onde viaja a equipe do filme.

Ali, no continente ancestral, Beachler não encontraria as “latrinas” dos comerciais de “Salve as crianças”, mas “nações negras diversas onde tradições tribais e modernidade são forças complementares em vez de opostas”. Frequentemente apresentado ao mundo como precário e dependente, a África recebeu pouca atenção sobre seus processos de modernização. Provando exatamente o contrário, as grandes metrópoles africanas, como Lagos (Nigéria), Kinshasa (República Democrática do Congo), Dar es Salaam (Tanzânia), Cartum (Sudão), Lilongüe e Bantyre (Malawi), Lusaka (Zâmbia), Campala (Uganda), Adis-Abeba (Etiópia), Mogadíscio (Somália), Niamei (Níger) e Cairo (Egito) demonstram, tal como qualquer outra região periferizada do planeta, que ali se misturam remanescentes da cultura tradicional e estruturas modernas. Essa foi uma descoberta para a própria comitiva afroamericana, como fica expresso no depoimento de Beachler: “senti pessoalmente que tinham mentido pra mim sobre o que o continente realmente é”⁵.

³ Hannah Beachler, também, produziu o álbum visual *Lemonade* de Beyoncé e o filme *Moonlight*, do diretor afroamericano Barry Jenkins.

⁴ Entrevista de Hannah Beachler concedida à Gabrielle Bruney. Traduzido por Marina Schnoor em 16/02/2018 https://www.vice.com/pt_br/article/3k7aj9/conheca-a-mulher-por-tras-da-utopia-africana-em-pantera-negra.

⁵ Idem.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Wakanda seria uma tentativa de repensar esse imaginário acerca do continente africano. Para essa empreitada, Beachler toma como referência principal a obra de Zaha Haddid, idealizadora de projetos como o Dongdaemun Design Park & Plaza em Seul, MAXXI - Museo nazionale delle arti del XXI secolo em Roma e Wangjing SOHO em Beijim. As formas curvilíneas e os materiais de última geração empregados nesses edifícios evocam uma simbiose entre tecnologia e natureza. Mas enquanto as formas de Haddid derivam de sofisticados programas computacionais, cujo desenvolvimento acompanha o paradigma biotecnológico, em Wakanda, essas mesma formas inspiram a fusão entre tecnologia e ancestralidades. Há certamente uma procura comum por “autenticidades”, no entanto muito distintas: enquanto para a arquiteta iraniana radicada no Reino Unido, o pressuposto é científico, para a designer afroamericana ele é histórico-cultural. Neste sentido, não seria forçoso considerar também afinidades de Wakanda com as obras do arquiteto tanzaniano, radicado também no Reino Unido, David Adjaye, em especial a versão apresentada em dezembro de 2017 de seu primeiro projeto para um luxuoso arranha-céu residencial em Nova York, que traz varandas douradas, como as savanas africanas, e os arcos e tetos abobodados em referência à arquitetura árabe sub-saariana.

No cruzamento entre o entusiasmo com as modernas metrópoles africanas, culturas tradicionais e as referências de modernidade consagradas pela arquitetura ocidental, Wakanda seria uma alegoria africana revisitada pelo afroamericanismo ou, ao contrário, um afroamericanismo revistado por referências ancestrais. Em qualquer um dos casos, operaria o que observa Beachler:

“se você olhar só para os prédios, tem alguma coisa diferente sobre eles. A gente pegou construções africanas do século IV e fizemos delas arranha-céus. Se você olhar para eles, mesmo no trailer, você vai perceber coberturas de rondavel (...) que são cabanas cobertas com folhagens. Todos os prédios têm essas coberturas. Isso é parte do ato de trazer as tradições da África, a cultura da África.”⁶

⁶ Mais que um super-herói negro: motivos que tornam ‘Pantera Negra’ um marco - 20 Jan 2018 (atualizado 15/Fev 11h51) - Nexo Jornal <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/20/Mais-que-um-super-her%C3%B3i-negro-motivos-que-tornam-%E2%80%98Pantera-Negra%E2%80%99-um-marco>



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O sucesso de *Pantera* não poderia ser outro: exatos cinquenta anos depois do assassinato de Martin Luther King, a estreia de um filme dessa natureza alcançou grande bilheteria. Mais importante que isso: chamou a atenção da comunidade negra. No Brasil, relatos entusiasmados nas redes sociais se somaram a uma onda de iniciativas para levar crianças das periferias ao cinema. Entre os intelectuais engajados na luta-antirracista, também não se poderia ignorar aquele acontecimento⁷. No entanto, a recepção de *Pantera Negra* foi curiosa: ao mesmo tempo em que se reconhecia a importância do filme para autoestima do negro – a importância de um filme de Hollywood produzido por pretos – se *suspendia o julgamento* sobre aquele feito, afastando-o de reflexões críticas acerca da relevância de uma produção dessa natureza. Afinal, como observam Ella Shohat e Robert Stam em “Crítica da imagem eurocêntrica”, as “ficções cinematográficas inevitavelmente trazem a tona visões da vida real”, “não apenas sobre o tempo e o espaço, mas também sobre as relações sociais e culturais” do seu momento de produção. “A consciência humana e a prática artística”, argumentam os autores com base em Bakhtin, “não entram em contato com o ‘real’ de maneira direta, mas através dos canais do mundo ideológico que nos rodeia. A literatura, e por, extensão, o cinema, não se referem ao ‘mundo’, mas representam suas linguagens e discursos”. Assim “ não basta dizer que a arte implica construção. Temos que perguntar: construção para quem? E em conjunção com quais ideologias e discursos?”⁸.

No caso de *Pantera Negra*, precisamos perguntar acerca de sua importância para a construção de um imaginário da diáspora. Esse impulso, central em nossa análise, é o da *utopia*. Ele se consagra como gênero literário com o livro homônimo de Thomas Morus em 1515. *Utopia* descreve uma “sociedade amplamente melhorada”, cuja

⁷ Achille Mbembe, em seu artigo “Pantera Negra”: Uma “nação negra” emerge”, ressalta os conceitos presentes no filme como o afrofuturismo, afropolitanismo, negritude e afrocentrismo, mas não os problematiza frente a conjuntura na qual é exibido.

⁸ SHOHAT, Ella.; STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.p.263-265.Tradução: Marcos Soares



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

localização não se pode definir facilmente, a não ser de modo aproximado pelos aspectos “realistas” que ela apresenta. Desse modo, seus traços são recolhidos no mundo existente, mas dele se afasta para apresentar-se criticamente. O que a utopia traz é o que o mundo poderia conquistar, mas ainda não o fez ou já o perdeu.

Atentemos também para o momento em que *Utopia* aparece: é aquele do “declínio de formas mais igualitárias e comunais de propriedade pastoral e sua substituição por um feudalismo impiedoso, em grande escala e voltado à exportação”. A utopia é, em seu fundamento, uma resposta à expropriação e à exploração. Ela é o testemunho, tanto de uma perda, quanto um anseio do que pode ser reconquistado. Por isso, a utopia “não é o domínio do impossível”, nem está em “lugar nenhum”: ela explora, noutro sentido, a região entre o possível e o impossível, pois já “esteve em algum lugar ao longo de boa parte da história, mesmo antes do próprio conceito existir. É um lugar onde estivemos e de onde às vezes saímos, assim como um local ainda desconhecido que almejamos visitar”.⁹

Pantera Negra se constrói neste horizonte, ou seja, o sentimento que atravessa a narrativa é o desejo de refazer o “caminho de casa”, o caminho para a utópica Wakanda. Para analisar este movimento, pontuaremos neste artigo três momentos importantes da diáspora africana: a escravidão negra, a luta pelos direitos civis no final dos anos 1960 e as ameaças contemporâneas à essas conquistas condensadas na figura de Donald Trump.

Escravidão negra

Os africanos feitos escravos foram o cerne do processo de acumulação capitalista desde o século XV, ciclo que se consolida na época do Absolutismo, século XVI, quando os reinos Europeus garantiram a sua hegemonia por meio da anexação de

⁹ CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições Sesc, 2013, p. 10-13 e p. 55-57.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

novos territórios, com a finalidade de obtenção de matéria-prima e de metais preciosos como ouro, prata e bronze. Assim, negros capturados na África tinham como destino as diversas colônias europeias no Novo Mundo. Nelas, “produzir o negro, é produzir um corpo de exploração”¹⁰, do qual será extraído o máximo de rendimento.

Os escravos apreendidos na África eram transferidos para barracões onde eram negociados por *pumbeiros* - agentes dos comerciantes de escravos. Quando estes atingiam a meta demandada, os escravos acorrentados com *libambos* e marcados com o monograma de seus proprietários partiam para a costa. Os escravos, agora já como propriedade, eram embarcados em navios superlotados e em más condições sanitárias. Há registros de que muitos não resistiam: navios vindos da Guiné para a Costa brasileira, por exemplo, apresentavam taxa de mortalidade de 63 para cada 1000 escravos transportados, em outros percursos o número aumentava para 103 (África Ocidental ao sul do Equador), segundo apontamentos no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Ao chegarem no destino eram contados e tinham suas características físicas comparadas com a descrição enviada ao comprador¹¹. Para se ter uma dimensão do número de mortos e do volume comercial predatório, estima-se que o número de africanos escravizados transportados no atlântico é da ordem de 12,5 milhões¹². Ao chegarem nas colônias, os escravos eram submetidos a um sistema de trabalho forçado sob forte regime de violência. Para Achille Mbembe, “a vida do escravo, em muitos aspectos, é uma forma de morte-em-vida”¹³ e a sua condição era resultado de uma “tripla perda” - a de um lar, de direitos e de estatuto político¹⁴.

¹⁰ MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Editora Antígona, 03/2017 (2ª Edição). Tradução Marta Lança. p.40

¹¹ CARVALHO, F.M. *Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais*. MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11 (27), 2010

¹² Site Slave Voyage <http://www.slavevoyages.org/voyage/understanding-db/methodology-2>. Acessado em 27/10/2018. Para os anos de 1817-1818 a população brasileira era de 3.817.000 habitantes, sendo 1.930.000 escravos, dos quais 202.000 pardos e 1.728.000 pretos, juntamente com 585.000 pretos e pardos livres. Nessa época, conta-se que havia a importação de, aproximadamente, 50.000 mil escravos por ano (Moura, 2014).

¹³ MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018. p.29

¹⁴ Idem, p.27



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Em 1619, chegam aos Estados Unidos os primeiros escravos negros¹⁵. Ainda entre 1620 e 1640, a sociedade estadunidense era formada por servos brancos que viviam num sistema de corvéia e por escravos negros, em um sistema ainda não segregado. Porém, entre 1630 e 1680, as distinções começam a aparecer de maneira mais severa. Trata-se do nascimento do *Plantation*, sistema implantado por meio de legislações que visavam a exclusão de direitos do negro, tendo como finalidade colocar uma grande massa de seres humanos a serviço da produção comercial. Nesse quadro, a escravidão negra passou a responder a essa instituição econômica, disciplinar e penal, tendo como consequência a perda, por exemplo, do direito do negro de apelar aos tribunais¹⁶.

Com isso, se afirma "a única conexão essencial entre os negros e os europeus": "a escravidão"¹⁷(G.W.F. Hegel). Para Achille Mbembe, nessa perspectiva, "o princípio da escravatura perpétua de pessoas de origem africana estigmatizadas pela sua cor foi sendo progressivamente a regra"¹⁸. Desse modo, ocorria a racialização do corpo de cor preta em negro, uma raça diferente da raça do homem branco europeu. O negro é então um nome que vem carregado de um discurso de "desqualificação moral e de

¹⁵ No Brasil, os africanos escravizados foram trazidos inicialmente, para a produção de açúcar em 1549 (Moura, 2014), no entendimento população seria mais adaptada culturalmente ao desempenho da atividade, pois possuíam experiência em técnicas agrícolas avançadas e em fundição de metais. Paralelamente, o tráfico de escravos negros surgia como atividade mercantil rentável, pois movimentava a compra de veleiros, equipamentos e construção de portos. O tráfico de negros escravizados foi proibido ao redor do mundo apenas no século XIX, pela Inglaterra, pois passará a investir na industrialização, que tinha como base o trabalho assalariado e estímulo ao consumo de mercadorias.

¹⁶ MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão negra*.p.42 .Segundo o autor, com base em Michel Foucault, qualquer moderno funcionamento do Estado, "a determinado momento, a um certo limite e em certas condições, passaria pelo racismo" (FOUCAULT). A raça, o racismo, explicava Mbembe, "é a condição de aceitabilidade da condenação à morte numa sociedade de normalização". E conclui: "a função assassina do Estado só pode ser garantida, funcionando o Estado no modo do biopoder, através do racismo".p.67

¹⁷ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*.São Paulo:Editora 34, 2001(1ª edição).Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.Tradução:Cid Knipel Moreira.Rio de Janeiro.p.101

¹⁸ MBEMBE, p.42.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

instrumentalização”, que é a *razão negra* - um “reservatório, ao qual a aritmética da dominação de raça vai buscar os seus álibis”¹⁹.

Sobre as consequências desse processo, Alexis de Tocqueville²⁰ escreve: “o Negro dos Estados Unidos perdeu a lembrança do seu país; já nem entende a língua que os seus pais falaram; renegou a sua religião e esqueceu os seus costumes. Deixando assim de pertencer a África, não adquiriu qualquer direito sobre os bens da Europa; mas ficou entre as duas sociedades; ficou isolado entre os dois povos; vendido por um e repudiado por outro; encontrando pelo universo inteiro a casa do seu senhor para lhe oferecer a imagem incompleta da pátria”.²¹

Durante o período da escravidão (até o século XIX), o conflito entre liberdade e escravidão era constante. Ocorreram diversas Revoltas, das quais os negros participaram tendo como promessa a sua libertação. No entanto, ao final desses conflitos, isso se realizaria pontualmente, não atingindo a estrutura do sistema escravista. Desse modo, a luta anticolonial nos EUA travada em 1776 resultou, simultaneamente, na emancipação dos brancos em relação à metrópole e no aprofundamento do sistema escravagista, conforme Achille Mbembe.²² Os produtores do sul tiveram sua liberdade, sem abolir a escravidão. A mesma só ocorreria em 1863.

Luta pelos direitos civis

A Declaração de Independência e a Constituição Americana (1787) são textos de libertação que não enfrentaram a segregação racial e a escravidão. Mesmo após a abolição da escravatura em 1863, os negros continuavam numa situação análoga à

¹⁹ Idem.p.58

²⁰ Idem.p.146.

²¹ Alexis de Tocqueville defendia a segregação entre negros e brancos para que a democracia liberal prosperasse, para ele, ela não seria capaz de dar conta da questão racial. Assim, para evitar a luta de raças, era necessário que os negros voltassem ao seu lugar de origem. Idem pp.146-149

²² Idem.pp.36-37



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

anterior. De 1876 a 1965, estavam submetidos ao código de normas conhecido como leis de *Jim Crow*, que institucionalizou o “apartheid americano” nos estados do sul - “o igual, mas separado” -, no qual os negros não tinham direito a voto, não podiam compartilhar dos mesmos espaços com os brancos - assentos separados nos ônibus, bairros separados, assim como instituições de ensino, bebedouros, banheiros, etc, todos separados²³. Além disso, os negros eram atacados violentamente em linchamentos públicos ou tinham suas casas queimadas pela Ku Klux Klan.

Contra esse cenário, segue-se o movimento pela luta dos Direitos Civis (1954-1968)²⁴, que tem como um dos seus maiores expoentes Martin Luther King Jr. (1929-1968) e Malcolm X (1925-1965). O primeiro apoiava métodos não violentos, como a desobediência civil, enquanto o segundo ficou conhecido por sua postura mais radical, mais combativa: defendia a filosofia do “by any means necessary” (por qualquer meio necessário), influenciando mais tarde a criação do Partido dos Panteras Negras, em 1966.

Martin Luther King Jr. conduziu diversas marchas e protestos, resistindo por meio de métodos não violentos, como o “sit-in”, práticas também utilizadas por Gandhi. Um dos movimentos mais famosos foi a *Marcha sobre Washington*, em 1963, que reuniu mais de 200 mil pessoas, na qual ele proclamou o seu famoso discurso “I have a dream”, um marco na luta pelos direitos civis. Martin Luther King, apesar de usar métodos não violentos de combate, foi preso diversas vezes²⁵. Segundo Fernandes, “ele tentava trazer à tona e discutir as falhas do sistema político e social americano,

²³ PURDY, Sean. *O pesadelo americano: Um breve tratado da segregação racial nos EUA ajuda a esclarecer um preconceito ainda não superado*. Publicado em 26/06/2012. Por Carta na Escola <https://www.cartacapital.com.br/educacao/o-pesadelo-americano>

²⁴ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Hierarquia racial na era do pós-racialismo norte-americano*. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano VI, Nº XI, Agosto/2013. São Paulo.

²⁵ Ver FERNANDES, Lais Cerqueira. *Eu tenho um sonho e não estou sozinha: ecos da história na ficção*. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Dezembro/2014. Juiz de Fora-MG. p.26 E SANTOS, Já. *Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida*. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

apontando que o movimento negro deveria ser mais do que um movimento civil”²⁶. Em 1964, o congresso aprova a Lei de Direitos Civis e Martin Luther King recebe o prêmio Nobel da Paz. Porém, em 1968 é assassinado. Um dia antes de sua morte, em seu discurso, ele anunciou uma terra prometida: seria Wakanda?

“Teremos dias difíceis pela frente. Mas isso não importa para mim agora porque eu subi ao topo da montanha. Não me importo mais(...)Quero apenas cumprir a vontade de Deus. E Ele permitiu que eu subisse a montanha. E lá de cima eu enxerguei. Eu enxerguei a Terra Prometida. É provável que eu não entre lá com vocês. Mas quero que vocês saibam esta noite que nós, como um povo, chegaremos à Terra Prometida. Por isso estou feliz esta noite. Nada me preocupa (...)Meus olhos viram a glória da vinda do Senhor!”²⁷

Malcom-X, por sua vez, era adepto da idéia de práticas de enfrentamento mais diretas. Teve seu pensamento mais disseminado em 1957, a partir de um evento no qual conduziu alguns colegas da NDI (Nação do Islã), organização religiosa negra da qual fazia parte, a mobilizar a retirada de três membros da prisão. Ele se mostrava um líder com discursos inflamados, carismático e tinha como principal mote a defesa da liberdade do negro, sobretudo. Vinculando política e religião, aliava as ideias de Marcus Garvey com a teologia da Nação do Islã.²⁸ Mais tarde, após rompimento com a NDI, em 1964, funda a Unidade Afroamericana e começa a apresentar um discurso mais humanitário, que revê as questões separatistas entre negros e brancos. Ao viajar para a África, neste mesmo ano, entra em contato com diversos Revolucionários Africanos. Malcom-x pregava que a luta afroamericana deveria ser por direitos humanos, o que ia para além dos direitos civis e que deveria ser encaminhada a organismos internacionais como a ONU, para que pressionassem os Estados Unidos²⁹. Em 1965, Malcom X foi assassinado.

A luta continua

²⁶ FERNANDES, Lais Cerqueira. p.26

²⁷ Idem, p.24

²⁸ Foi chamado até a discursar na ONU (ver FERNANDES, p.32). No filme *Pantera Negra*, o herói T'challa também realiza um discurso na mesma instituição.

²⁹ MACEDO, M. *Malcolm X: Uma Vida de Reinvenções*. MARABLE, Manning. *Malcolm X: A Life of Reinventions*. New York: Vinking/Penguim, 2011, 594 p. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

A conquista dos direitos civis significou um avanço, e foi resultado de muita luta, apesar de seus líderes serem mortos pouco tempo depois. Porém, fatos recentes, como encarceramento em massa da população negra americana, conforme Michelle Alexander relata em seu livro de 2012, e os casos de morte por racismo, motivam o surgimento do movimento chamado “Black Lives Matters”, em 2013. Esses acontecimentos indicam a emergência de uma nova forma de segregação entre negros e brancos. Michelle Alexander escreve que “mais homens negros estão aprisionados hoje do que em qualquer outro momento da história da nação” e que a “discriminação é perfeitamente legal, porque está baseada em registros criminais [...]”. Esse é o novo normal, o novo equilíbrio racial³⁰. Estaríamos então face a um “Novo *Jim crow*”, num país onde a população negra representa, aproximadamente, 14% da população, mas no sistema prisional representam 60% dos detidos num universo de mais de dois milhões de encarcerados, a maior população carcerária do mundo.

A passagem desses três momentos - escravidão, luta pelos direitos civis e lutas contemporâneas - corroboram com a fala de Angela Davis:

“As lutas das quais participei no passado representam uma herança valiosa, mas estou constantemente refazendo minha jornada...creio que temos a responsabilidade de criar ombros fortes e firmes, pois uma nova geração estará se apoiando neles. É assim que vejo nossa luta contínua por justiça e igualdade”³¹.

A caminho de casa?

Como uma resposta utópica afroamericana a essas ameaças, a Wakanda de *Pantera Negra* aparece como aquela que poderia ter surgido em uma África soberana. Ali, o

³⁰ ALEXANDER,Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*.São Paulo: Boitempo, 2017 (1ª edição) p.260. Tradução: Pedro Davoglio; revisão técnica e notas Silvio Luiz de Almeida.

³¹ WERNECK,Jurema.*Entrevista com Ângela Davis em O livro da Saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*.Rio de Janeiro:Editora Pallas/Criola, 2006(2ª edição).Tradução de The Black Women’s Health Bookp.70



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

domínio de um metal chamado “vibranium” garantiria a prosperidade de seu povo e um alto grau de desenvolvimento tecnológico, cobiçado inclusive por outros povos. Essa singularidade não faz de Wakanda um império, demonstrando que a África não reproduz a lógica de seus colonizadores: a dominação de outros povos. Entretanto, com seus próprios recursos e sua política, que atualiza formas autóctones de legitimação do poder, o reino de Wakanda consagra um modelo bastante familiar: a congestão metropolitana e o arranha-céu. Apesar das inserções de elementos regionais, tanto na produção do espaço, quanto em seu uso, essa utopia não deixa de ser uma Manhattan revisitada. De um ponto de vista, esse gesto produz uma apropriação crítica de modelos existentes; de outro, legitima este paradigma problemático de organização sócio-espacial no horizonte da imaginação utópica.

Um dos responsáveis por transformar Manhattan na “quintessência da modernidade” foi o arquiteto Rem Koolhaas em seu “manifesto retroativo”, intitulado *Nova York Delirante* (1978). Nessa metrópole por excelência, prefacia Adrian Gorelik, o arranha-céu é um “artefato que nasce como resultado de uma ambição meramente especulativa: multiplicar todas as vezes que a tecnologia o permita o valor de uso”.

Mas a Manhattan elogiada por Koolhaas conheceu seu apogeu por volta 1940, quando os arranha-céus perdem seu caráter “potencialmente sublime” de “edifícios saturados de prazeres” “em nome do idealismo” da arquitetura moderna européia, que “propõe edifícios banais que somente servem para negócios”. O apreço de Koolhaas está justamente na combinação entre fantasia/ e pragmatismo. Seu esforço é o de “inverter uma interpretação clássica sobre a racionalidade moderna, a que relata, pessimista, o triunfo de uma racionalidade de meios independente de toda finalidade”. Ao contrário, “Koolhaas celebra a racionalidade instrumental precisamente porque é um caminho para o imprevisível, para o disparate”. Gorelik completa: “mas não é uma brincadeira: por acaso não é essa uma boa definição – também clássica – do mundo capitalista?” e, poderíamos acrescentar, da razão de suas crises?



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Esse problemático entusiasmo com o “manhattanismo” fica patente quando atentamos para o que tem ocorrido nos centros financeiros espalhados pelo mundo. Por volta de meados desta década, uma centena de edifícios com mais de duzentos metros de altura foram construídos enquanto se agrava a crise global. Em 1999, Andrew Lawrence notou uma curiosa relação entre a construção de arranha-céus e crises econômicas. Depois dele, em artigo de 2010, Jason Barr da Rutgers University avalia que na história do arranha-céu nova-iorquino a especulação imobiliária nem mesmo se ateuve em acompanhar o crescimento do PIB. A lógica competitiva do mercado, e certo traço subjetivado de seus entusiastas, ganhou expressão hedonista na paisagem urbana. Segundo Barr, “o número de arranha-céus construídos e sua altura média dependiam, em parte, do crescimento da população e dos empregos em escritório”. Entretanto, seus cálculos sugerem que “a altura das torres também foi moldada por aqueles próximos, especialmente durante os booms econômicos”. Na década de 1920, estima o Sr. Barr, “os construtores de Nova York acrescentaram de quatro a seis andares a mais por projeto, apenas para se destacar no horizonte”³².

irracionalidade dos investidores é aquele que constrói, por meio *Pantera*, o “panorama e dimensão planetária que tem sido sonhado desde a era moderna”³³. Mas antes mesmo que ele fosse consagrado como imagem utópica em Wakanda, a urbanização “manhattanista” das metrópoles africanas já seria um traço da realidade urbana na África³⁴. Para termos um exemplo, Lagos, a metrópole nigeriana, primeiramente alvo da atenção de Koolhaas, é hoje o terreno de especulação imobiliária de grandes investidores com os quais o Estado está alinhado para fazer prevalecer os interesses do grande capital. Em ensaio de 2017, o arquiteto nigeriano Mathias Agbo Jr. relata que “a euforia que saudou o nascimento dessas novas cidades vem gradualmente sendo substituída por raiva e medo. A maioria dos africanos se tornou desencantada pelo alto custo social dessas reformas urbanas. Eles agora são vistos como o prêmio

³² *Towers of Babel*. The economist. Mar 26th 2015

³³ MBEMBE, Achille. “Black Panther”: Une “nation nègre” debout”(27/02/2018) https://www.lepoint.fr/culture/black-panther-une-nation-negre-debout-27-02-2018-2198216_3.php

³⁴ África Urbana. Afreka



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

ou despojos da guerra, da batalha em curso entre aqueles que estão no topo da pirâmide social e aqueles que lutam no fundo”³⁵.

Essa batalha parece estar só no começo. Segundo *The Global Cities Institute*, “em 2100, 12 das 20 maiores metrópoles serão africanas: Lagos (Nigéria), Kinshasa (República Democrática do Congo), Dar es Salaam (Tanzânia), Cartum (Sudão), Lilongüe e Bantyre (Malauí), Lusaka (Zâmbia), Campala (Uganda), Adis-Abeba (Etiópia), Mogadíscio (Somália), Niamei (Níger) e Cairo (Egito)”. O roteiro é conhecido: despossessão, migração da população rural para as periferias das grandes metrópoles e concentração de renda. Se isso preocupa os africanos, por outro lado, chama atenção de investidores, particularmente os russos. Esse é o caso da Calvert 22 Foundation, organização “sem fins lucrativos” que abrigou em sua sede em Londres *Red Africa*, exposição dedicada ao “legado das relações culturais entre a África, a União Soviética e países relacionados durante a Guerra Fria”. A iniciativa de dar visibilidade a esse capítulo da história é louvável. No entanto, é preciso atentar para os agentes interessados. À frente da Calvert 22 ninguém menos que a economista Nonna Materkova, ex-diretora do Departamento de Grandes Projetos de Investimento dentro do St Petersburg Finance Comitê. Dentre inúmeras instituições financeiras internacionais, Nonna trabalhou no Ministério das Finanças Russo e Regiões e no Banco Mundial na Rússia no ramo de estratégias de investimento e aquisição, trajetória na qual coleciona uma carteira de investimentos em imóveis, petróleo e gás, lazer, finanças e serviços em nível internacional.

Ainda que as motivações de *Pantera Negra* sejam muito distintas, o filme se insere nesse quadro de incremento das pressões sobre o continente africano, seja do capital imobiliário ou da exploração de novos signos para novos mercados. Sob essa perspectiva, ao unir o ícone máximo do mercado imobiliário – o arranha-céu – à

³⁵ AGBO, Mathias Jr. *The tale of two cities*. Unravelling the Brutal Backstory Behind Africa’s Emerging Megacities. Publicado em 18/05/2017 em <http://commonedge.org/tale-of-two-cities-unravelling-the-brutal-backstory-behind-africas-emerging-megacities/>.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

arquitetura tradicional, Wakanda parece ceder a estas mesmas pressões, consagrando-as no horizonte utópico da diáspora. Mesmo sem ser esse o objetivo do filme, as escolhas feitas por Beachler acabam por fazer convergir símbolos de soberania com uma retórica da exploração.

Como se sustenta tamanha contradição? Uma explicação pode estar no plano dos afetos: *Pantera Negra* é sem dúvida uma resposta à inferiorização histórica do preto e da África, que para questionar esta posição precisa recolher da própria experiência de seus criadores o que há de mais valorizado pela sociedade que os rebaixou. Em Wakanda, essa apropriação se dá sobretudo pela tecnologia e por um dos seus emblemas de maior sucesso, o arranha-céu. Mas ainda que a incorporação de elementos do afrofuturismo apresente um desvio, uma verdadeira *profanação* do que supostamente seria propriedade do homem branco, reivindicando uma especulação de futuros possíveis para o devir negro, não se rompe o plano do fetiche tecnológico, da tecnologia enquanto alienação dos modos de produção. Neste sentido, como não perguntar como o “vibranium”, minério que está na base de toda prosperidade de Wakanda, se transforma em espaço construído, em vestimentas, em aeronaves ou em armas de guerra? Falta, na apropriação dessas imagens consagradas pela ficção científica, um atravessamento da camada espetacular, para investigar os modos de produção. Não nos esqueçamos: as engrenagens e os chips são feitos de suor e sangue de gerações de expropriados, como africanos e afrodescendentes, seja na escravidão durante o processo colonial, seja em suas formas análogas contemporâneas.

Frantz Fanon em seu livro *Os condenados da terra* traz elementos de contestação para superação da realidade do colonizado ao expor as profundezas do desejo deste. Segundo o autor, “o olhar que o colonizado lança para a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todas as modalidades de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se no leito do colono [...]. O colonizado é um invejoso”. Ao colocar isso, ele nos faz indagar: é no lugar do colono que queremos



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

estar? Apenas troquemos a forma, mas não o conteúdo? Seria a posição do colono nosso lugar de chegada? Aceitaremos a idéia de que “a descolonização é simplesmente a substituição de uma espécie de homens por outra espécie de homens”?³⁶

Referências

AGBO, Mathias Jr. *The tale of two cities*. Unravelling the Brutal Backstory Behind Africa’s Emerging Megacities. Publicado em 18/05/2017 em <http://commonedge.org/tale-of-two-cities-unravelling-the-brutal-backstory-behind-africas-emerging-megacities/>.

ALEXANDER, Michelle. *A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*. São Paulo: Boitempo, 2017 (1ª edição) . Tradução: Pedro Davoglio; revisão técnica e notas Silvio Luiz de Almeida.

BRUNEY, Gabrielle. *Conheça a mulher por trás da utopia africana em Pantera Negra*. Traduzido por Marina Schnoor em 16/02/2018. https://www.vice.com/pt_br/article/3k7aj9/conheca-a-mulher-por-tras-da-utopia-africana-em-pantera-negra.

CARVALHO, Flávia Maria de. *Diáspora africana: travessia atlântica e identidades recriadas nos espaços coloniais*. MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11 (27), 2010

CLAEYS, Gregory. *Utopia: a história de uma ideia*. São Paulo: Edições Sesc, 2013 (Tradução: Pedro Barros).

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. Tradução: José Laurênio de Melo.

FERNANDES, Lais Cerqueira. *Eu tenho um sonho e não estou sozinha: ecos da história na ficção*. Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Dezembro/2014. Juiz de Fora-MG

FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro *Hierarquia racial na era do pós-racialismo norte-americano*. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano VI, Nº XI, Agosto/2013. São Paulo-SP

³⁶ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. Tradução: José Laurênio de Melo. p.29



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

GALEANO, Eduardo. *As palavras andantes*. Lisboa, Portugal: Antígona, 2018 (1.^a edição), pp.328- Tradução Helena Pitta.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34, 2001(1.^a edição). Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001. Tradução: Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro. p.101

KOOLHAAS, Rem. *Nova York Delirante*. São Paulo: Cosac Naify, 2008 (Tradução: Denise Bottmann).

MACEDO, Márcio. *Malcolm X: Uma Vida de Reinvenções*. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana. Ano IV, Nº 8, Dezembro/2011.

MARABLE, Manning. *Malcolm X: A Life of Reinventions*. New York: Viking/Penguin, 2011.

MBEMBE, Achille. *“Black Panther”: Une “nation nègre” debout*. Publicado em 27/02/2018 https://www.lepoint.fr/culture/black-panther-une-nation-negre-debout-27-02-2018-2198216_3.php

_____. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Editora Antígona, 03/2017(2.^a Edição). Tradução Marta Lança.

_____. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala: Quilombos, insurreições, guerrilhas*. São Paulo: Anita Garibaldi coedição com a Fundação Maurício Grabois, 2014(5.^a edição).

PURDY, Sean. *O pesadelo americano: Um breve tratado da segregação racial nos EUA ajuda a esclarecer um preconceito ainda não superado*. Publicado em 26/06/2012 em Carta na Escola: <https://www.cartacapital.com.br/educacao/o-pesadelo-americano>

RONCOLATO, Murilo. *Mais que um super-herói negro: motivos que tornam ‘Pantera Negra’ um marco* - 20 Jan 2018 (atualizado 15/Fev 11h51) - Nexo Jornal - <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/01/20/Mais-que-um-super-her%C3%B3i-negro-motivos-que-tornam-%E2%80%98Pantera-Negra%E2%80%99-um-marco>

SANTOS, JÁ. *Diáspora africana: paraíso perdido ou terra prometida*. In: MACEDO, JR., org. *Desvendando a história da África* [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. Diversidades series, pp. 181-194.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da Imagem Eurocêntrica*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. Tradução: Marcos Soares.

Site Slave Voyage <http://www.slavevoyages.org/voyage/understanding-db/methodology-2>. Acessado em 27/10/2018.

WERNECK, Jurema. *Entrevista com Ângela Davis*. In: *O livro da Saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Editora Pallas/Criola, 2006 (2ª edição). Tradução de The Black Women's Health Book.